


## ENSINO DE HISTÓRIA E TECNOLOGIAS DIGITAIS: EXPLORANDO ESPAÇO E TEMPO COM O GOOGLE STREET VIEW

## ENSEÑANZA DE LA HISTORIA Y TECNOLOGÍAS DIGITALES: EXPLORANDO EL ESPACIO Y EL TIEMPO CON GOOGLE STREET VIEW

Recebido em: 06/12/2025

Aceito em: 28/02/2026

Publicado em: 24/05/2026

Lélio Barbosa da Silva Filho   
Universidade Federal do Pará

**Resumo:** Este artigo apresenta um estudo sobre as potencialidades do uso de Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) no ensino de História no 6º ano do Ensino Fundamental, com foco no Google Street View como ferramenta pedagógica. A pesquisa, desenvolvida na Escola Municipal Dr. Renausto Amanajás, em Marituba-PA, buscou compreender como o recurso pode favorecer a aprendizagem de conceitos históricos abstratos, como tempo e espaço, a partir de vivências concretas dos alunos. Metodologicamente, trata-se de um relato de experiência fundamentado em referencial teórico sobre cognição histórica, mediação docente e integração de tecnologias digitais na educação básica. As atividades foram organizadas em sequência didática, partindo de conceitos introdutórios sobre tempo histórico até a exploração de imagens da escola e do bairro no Google Street View, comparando registros de diferentes anos. Os resultados indicam que a estratégia contribuiu para ampliar o engajamento, promover a compreensão de mudanças e permanências nos espaços e estimular a reflexão crítica sobre a relação entre sociedade e natureza. Conclui-se que a mediação docente aliada a ferramentas digitais contextualizadas à realidade dos estudantes potencializa o desenvolvimento do pensamento histórico e reforça o ensino de História como espaço de formação cidadã e democrática.

**Palavras-chave:** Ensino de História; Tecnologias Digitais; Educação; Cognição; Tempo Histórico.

**Resumen:** Este artículo presenta un estudio sobre las potencialidades del uso de las Tecnologías de la Información y la Comunicación (TIC) en la enseñanza de la Historia en el 6.º grado de la Educación Básica, con énfasis en Google Street View como herramienta pedagógica. La investigación, desarrollada en la Escuela Municipal Dr. Renausto Amanajás, en Marituba-PA, tuvo como objetivo comprender cómo este recurso puede favorecer el aprendizaje de conceptos históricos abstractos, como el tiempo y el espacio, a partir de las vivencias concretas de los estudiantes. Metodológicamente, se trata de un relato de experiencia fundamentado en un marco teórico sobre cognición histórica, mediación docente e integración de tecnologías digitales en la educación básica. Las actividades se organizaron en una secuencia didáctica que partió de conceptos introductorios sobre el tiempo histórico hasta la exploración de imágenes de la escuela y del barrio a través de Google Street View, comparando registros de diferentes años. Los resultados indican que la estrategia contribuyó a ampliar el compromiso de los estudiantes, promover la comprensión de cambios y permanencias en los espacios y estimular la reflexión crítica sobre la relación entre sociedad y naturaleza. Se concluye que la mediación docente, articulada con herramientas digitales contextualizadas a la realidad de los estudiantes, potencia el desarrollo del pensamiento histórico y refuerza la enseñanza de la Historia como un espacio de formación ciudadana y democrática.

**Palabras-chaves:** Enseñanza de la Historia; Tecnologías Digitales; Educación; Cognición; Tiempo Histórico.

### INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como propósito discutir as possibilidades e os desafios do ensino de História no 6º ano do ensino fundamental, momento em que os estudantes iniciam, de maneira mais sistemática, o contato com os conteúdos e os métodos próprios da disciplina, agora sob a orientação de um professor licenciado. Tal transição implica mudanças significativas tanto no

conteúdo quanto na abordagem pedagógica, exigindo atenção especial à capacidade dos alunos em lidar com conceitos históricos complexos como tempo, espaço, passado e mudança.

Neste contexto, este artigo reflete sobre o papel das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) como mediação para o desenvolvimento do pensamento histórico. O uso de ferramentas digitais, como o Google Street View<sup>1</sup> é analisado como estratégia para aproximar os alunos do conhecimento histórico a partir de suas vivências concretas, contribuindo para a construção de relações mais significativas com os conteúdos curriculares.

Siman (2012), por exemplo, contesta perspectivas que subestimam a capacidade cognitiva das crianças ao lidar com abstrações e propõe abordagens que valorizam a sensibilidade histórica, as experiências vividas e a mediação como condição para o pensamento histórico. Já Lev Vygotsky reforça a importância da interação social e da apropriação de instrumentos culturais no processo de aprendizagem, o que sustenta a ideia de que a mediação docente e o uso consciente das TICs podem qualificar o ensino. Será sob tais perspectivas que este artigo buscará amparar-se teoricamente, construindo um diálogo que reflete sobre cognição, ensino de história e o papel das tecnologias na educação.

A presença das tecnologias digitais no cotidiano das crianças e adolescentes tem transformado profundamente as formas de interação com o conhecimento. A escola, enquanto espaço privilegiado de mediação de saberes, encontra-se diante do desafio de integrar as TICs ao processo pedagógico de maneira crítica e significativa. No 6º ano do ensino fundamental, momento em que têm seu primeiro contato com a disciplina de História ministrada por um professor licenciado, torna-se urgente refletir sobre as estratégias didáticas que favoreçam a aprendizagem de conceitos abstratos e o desenvolvimento do pensamento histórico.

A compreensão de noções como tempo, espaço, causalidade e permanência exige mediação atenta por parte do docente, pois nem sempre esses conceitos são acessíveis de forma imediata pelos discentes em processo de consolidação de suas capacidades cognitivas. É nesse contexto que o uso das TICs pode desempenhar papel importante na aproximação entre o saber histórico escolar e as experiências concretas dos estudantes.

O Google Street View, por exemplo, pode ser utilizado como ferramenta pedagógica para contextualizar o conteúdo no espaço vivido pelos alunos, tornando visível a dinâmica do tempo histórico em seu entorno imediato. Para Siman (2012), quando estimulada

---

<sup>1</sup> O Google Street View é uma tecnologia presente no Google Maps e no Google Earth que oferece vistas panorâmicas de 360 graus no nível da rua de vários lugares do mundo. As imagens do Street View são capturadas por veículos especialmente equipados, conhecidos como carros do Google Street View, que são equipados com câmeras e tecnologia GPS. As imagens são então combinadas e disponibilizadas aos usuários no Google Maps e no Google Earth. Acesso: <https://localo.com/pt-br/dicionario-de-marketing/o-que-e-google-street-view>

adequadamente, a criança é capaz de desenvolver compreensões complexas sobre o passado, desde que o ensino de História esteja sensível às suas formas de sentir, recordar e representar o mundo.

## **DESENVOLVIMENTO**

O presente trabalho caracteriza-se como um relato de experiência com abordagem qualitativa, desenvolvido no âmbito do Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória/UFGA), inserido na área de Educação Básica. A pesquisa foi conduzida na EMEF Dr. Renausto Amanajás, localizada no município de Marituba-PA, com estudantes do 6º ano, no contexto das aulas regulares de História ministradas pelo autor.

A proposta foi estruturada como parte de um projeto pedagógico do mestrado, fundamentado em referenciais teóricos sobre cognição histórica, uso de Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) e mediação docente. O trabalho consistiu na elaboração e aplicação de uma sequência didática composta por quatro etapas principais: (1) introdução de conceitos básicos de tempo histórico, espaço e fontes históricas; (2) discussão sobre diferentes percepções de tempo e sua representação; (3) apresentação do Google Street View como ferramenta de análise histórica; e (4) exploração de imagens da escola e do bairro em diferentes períodos para identificação de mudanças e permanências.

A coleta de dados ocorreu de forma observacional e descritiva, por meio do acompanhamento das aulas, registros escritos produzidos pelos alunos e anotações de campo do professor-pesquisador. A análise foi qualitativa, buscando identificar indícios de desenvolvimento do pensamento histórico e de articulação entre o conteúdo escolar e as vivências concretas dos estudantes.

Durante a execução, foram realizados ajustes para adequar a proposta às condições materiais da escola, especialmente em relação à infraestrutura tecnológica e à disponibilidade de internet. Essas adaptações, como o uso de imagens pré-carregadas do Google Street View, garantiram a continuidade da atividade e a viabilidade do trabalho, preservando seus objetivos pedagógicos e investigativos.

## **ENSINO DE HISTÓRIA E COGNIÇÃO: DA ABSTRAÇÃO AO CONCRETO**

O 6º ano do ensino fundamental marca o primeiro contato dos alunos com um professor licenciado em História, por volta dos 11 a 12 anos de idade. Embora as crianças já tenham tido acesso a conhecimentos históricos nos anos iniciais, é nessa fase que se inicia um ensino mais especializado da disciplina. No entanto, esse momento também representa um desafio

pedagógico significativo, especialmente no que diz respeito à capacidade cognitiva dos alunos para compreender conceitos abstratos.

Autores como Piaget (2012) e Roy Hallan (1978) argumentam que, nas fases iniciais do desenvolvimento cognitivo, as crianças têm dificuldade em compreender ideias abstratas, sendo mais receptivas a conceitos concretos. No entanto, a autora Lana Mara de Castro Siman contesta essa visão, defendendo que, com mediação adequada, as crianças são capazes de desenvolver habilidades para pensar historicamente desde cedo.

Essa discussão é central para o ensino de História no 6º ano, uma vez que o currículo, baseado na Base Nacional Comum Curricular (BNCC)<sup>2</sup> e no Documento Curricular do Estado do Pará (DCEPA)<sup>3</sup>, inicia com temas como "Tempo e Espaço", "Antigas Civilizações" e "Ocupação da América", que exigem deslocamentos temporais e espaciais significativos. No entanto, a transição de um ensino mais concreto nos anos iniciais para um ensino abstrato no 6º ano pode gerar distanciamento e dificuldades de compreensão.

A construção do conceito de tempo, por exemplo, é um dos principais desafios enfrentados pelos alunos nessa fase. Como aponta Scaldaferrri (2008, p. 55),

O conceito de tempo só será construído pela criança, progressivamente, em várias etapas do seu desenvolvimento, ela é capaz de distinguir o dia e a noite, sequenciar etapas de um acontecimento, apontar o antes e o depois pela percepção do tempo vivido, mas seguir o tempo vivê-lo não é compreendê-lo.

Isso significa que, apesar de os alunos já possuírem referências temporais em seu cotidiano, como aniversários, feriados e eventos históricos marcantes, a compreensão do tempo histórico exige um nível de abstração que deve ser mediado por estratégias pedagógicas adequadas.

No texto *Representações e Memórias Sociais Compartilhadas: Desafios Para Os Processos de Ensino e Aprendizagem da História*, Siman (2005) discute as representações sociais e memórias compartilhadas sobre os negros na história do Brasil, com foco no ensino e aprendizagem de história para crianças de 9 a 11 anos. A autora relata uma pesquisa realizada em uma sala de aula do Centro Pedagógico da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), onde foram analisadas as representações das crianças sobre os negros e seus modos de vida antes e após um conjunto de atividades pedagógicas sobre o tema (Siman, 2005).

---

<sup>2</sup> A Base Nacional Comum Curricular é um documento que determina as competências (gerais e específicas), as habilidades e as aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver durante cada etapa da educação básica – Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio.

<sup>3</sup> O Documento Curricular do Estado do Pará é um instrumento pedagógico que orienta o ensino e a aprendizagem na Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio.

Inicialmente, as crianças associaram os negros principalmente à escravidão, representando-os em situações de trabalho forçado e castigo, com pouca ou nenhuma menção à resistência ou à vida cultural dos negros. Essas representações refletiam estereótipos e visões simplistas, muitas vezes influenciadas por imagens e narrativas presentes na mídia, na escola e em outros espaços sociais.

Muito mais cedo do que supomos, nossos alunos formam, nas suas interações e práticas sociais cotidianas, um conjunto de representações que os ajudam a se orientar no mundo. Como destaca Guareschi, essas representações auxiliam as crianças a estabelecerem “uma ordem, a orientarem-se no seu mundo material e social, e a comandá-lo” (Guareschi, 2000 apud Siman, 2005, p. 349).

Isso demonstra como as representações sobre os negros são construídas antes mesmo da escolarização formal, sendo essenciais para o ensino de História estratégias que possibilitem a problematização desses imaginários prévios.

Após as intervenções pedagógicas, que incluíram o uso de diversas fontes históricas e a mediação da professora, as crianças passaram a incorporar elementos mais complexos e pluralistas em suas representações. Elas começaram a incluir aspectos como a vida dos negros na África, o tráfico negreiro, a formação de quilombos e a resistência escrava. No entanto, algumas representações estereotipadas, como a associação entre negros e violência, permaneceram, indicando a resistência de certas ideias cristalizadas.

Como aponta Siman (2005, p. 361),

O fato de não ter sido desconstruído por todos leva-nos, de um lado, a questionar a eficácia das estratégias pedagógicas e, de outro, a pensar o quanto representações sociais muito cristalizadas podem se tornar obstáculos para novas aprendizagens, constituindo-se num desafio de longo prazo.

Essa constatação reforça a necessidade de um ensino que vá além da transmissão de informações e busque a reconstrução ativa das memórias sociais dos alunos. A autora argumenta que as representações sociais são construídas a partir das interações e experiências cotidianas das crianças, e que o ensino de história pode desempenhar um papel crucial na desconstrução de estereótipos e na formação de novas identidades sociais. Siman (2005, p. 361) destaca que,

se desejamos contribuir, por meio do ensino de história, para a formação de novas identidades e de novas relações sociais no presente – portanto para a formação de uma nova cidadania –, não podemos ignorar as representações sociais das quais nossos alunos são portadores. E esse desafio deverá se colocar o mais cedo quanto for possível.

Esse ponto se alinha à necessidade de um ensino crítico e contextualizado da História, que considere os conhecimentos prévios dos alunos e promova uma visão mais plural e crítica do passado. Por conseguinte, Siman sugere que a desconstrução de representações sociais profundamente enraizadas é um desafio de longo prazo, que requer estratégias pedagógicas eficazes e uma abordagem que leve em conta a diversidade de experiências e contextos sociais.

Esse estudo permitiu-nos ver, também, que a construção de novos conhecimentos, sob outras condições e perspectivas, promove a mobilização de outras tantas representações sociais já existentes. No caso desse estudo, podemos nos referir à representação, socialmente compartilhada, da individualização dos atos de natureza histórica (Siman, 2005, p. 361).

Essa observação revela que o ensino de História não atua sobre um terreno neutro, mas sobre imaginários coletivos já formados e reproduzidos socialmente, os quais precisam ser mobilizados, tensionados e ressignificados no processo educativo. O desafio, portanto, não está apenas em introduzir novos conteúdos, mas em criar condições pedagógicas que favoreçam o deslocamento das representações cristalizadas em direção a compreensões mais complexas, plurais e contextualizadas da experiência histórica.

Como nos lembra a autora ao citar Le Goff, "se desejamos contribuir, por meio do ensino de história, para a formação de novas identidades e de novas relações sociais no presente, devemos trabalhar de forma a que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens" (Siman, 2005, p. 361 apud Le Goff, 1996, p. 477). Dessa forma, a pesquisa de Siman reforça a importância de uma abordagem crítica no ensino de História, que leve em consideração as representações sociais dos alunos e busque desconstruir estereótipos por meio de uma prática pedagógica reflexiva e problematizadora. Para superar esses desafios, é essencial que o ensino de História parta do concreto para o abstrato, utilizando ferramentas e metodologias que permitam aos alunos fazerem associações entre o conteúdo histórico e suas vivências cotidianas.

Essa perspectiva se alinha ao uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) no ensino de História, pois possibilita que os alunos interajam de forma dinâmica com o conteúdo. O Google Street View, por exemplo, pode atuar como um mediador entre o abstrato e o concreto, facilitando a compreensão de conceitos complexos ao permitir que os alunos analisem visualmente as transformações dos espaços ao longo do tempo.

Como afirma Barros (2006, p. 464),

Uma noção importante a ser considerada aqui, antes de examinarmos como a História pode se beneficiar da abordagem geográfica, é a de "paisagem". Para a Geografia, uma paisagem é uma associação típica de características geográficas concretas que se dão numa região – ou numa extensão específica do espaço físico – e constitui um

determinado padrão visual que se forma a partir destas características que a singularizam (pensemos na paisagem de um Deserto, de uma Floresta, ou de uma Cidade). Podemos falar de uma “paisagem natural”, mas também de uma “paisagem cultural” – esta última dando a perceber as interferências do homem que acabam por imprimir-se na fisionomia de um determinado espaço conferindo-lhe uma nova singularidade.

Essa definição reforça a ideia de que o espaço não é apenas um cenário estático, mas um campo de ação humana carregado de significados, o que torna ainda mais potente sua visualização crítica pelos alunos no ensino de História.

Nesse contexto, a mediação docente se torna fundamental, pois, segundo Ivic, “não se pode emitir com mais clareza a ideia de que a necessidade de pensamento lógico e o próprio conhecimento da verdade surgem da comunicação da consciência da criança com outras consciências” (Ivic, 2010, p. 40). Por conseguinte, a importância do professor como mediador no processo de construção do conhecimento histórico, garante que a tecnologia seja utilizada não apenas como um recurso ilustrativo, mas como uma ferramenta pedagógica capaz de estimular o pensamento histórico e a análise crítica.

Siman reforça essa ideia ao afirmar que

para a História, o concreto é também a experiência pessoal e social de cada um dos sujeitos. Daí a importância do ensino da História para crianças em abordar temas de forma a que elas possam neles se reconhecerem, assim como reconhecer traços e vestígios presentes em seus ambientes de vida que testemunhem outros tempos (Siman, 2012, p. 10).

Ao possibilitar que os alunos visualizem as transformações dos espaços de seu cotidiano ao longo do tempo, o Google Street View se torna uma ferramenta valiosa para trabalhar o conceito de tempo histórico. Segundo Scaldaferrri, “somente depois de ultrapassar o tempo pessoal, subjetivo e dominar um tempo contínuo, objetivado, social, é que o aluno poderá perceber as dimensões do tempo em História e pensar historicamente<sup>4</sup>” (Scaldaferrri, 2008, p. 55). Isso demonstra a importância de utilizar metodologias que ajudem os alunos a conectarem suas experiências individuais com processos históricos mais amplos.

Dessa forma, ao utilizar recursos digitais como o Google Street View, é possível tornar o ensino de História mais significativo para os alunos, permitindo que eles se reconheçam nos processos históricos e desenvolvam habilidades cognitivas que favorecem a compreensão dos

---

<sup>4</sup> Segundo Siman, pensar historicamente supõe a capacidade de identificar e explicar permanências e rupturas entre o presente/passado e futuro, a capacidade de relacionar os acontecimentos e seus estruturantes de longa e média duração em seus ritmos diferenciados de mudança; capacidade de identificar simultaneidade de acontecimentos no tempo cronológico; capacidade de relacionar diferentes dimensões da vida social em contextos sociais diferentes. Supõe identificar, no próprio cotidiano, nas relações sociais, nas ações políticas da atualidade, a continuidade de elementos do passado, reforçando o diálogo passado/presente (Siman, 2003, p. 119).

conceitos abordados na disciplina. Além disso, a mediação docente se torna fundamental para garantir que essa ferramenta não seja apenas um recurso ilustrativo, mas um verdadeiro instrumento pedagógico para a construção do pensamento histórico.

### **EXPERIÊNCIA DIDÁTICA COM O GOOGLE STREET VIEW: ESPAÇO, TEMPO E NATUREZA NO COTIDIANO ESCOLAR**

Esta seção apresenta os resultados obtidos com a aplicação da proposta pedagógica e a discussão das aprendizagens observadas, organizados a partir da experiência didática realizada com o Google Street View no ensino de História. Em uma das aulas desenvolvidas, foi abordado o tema "Paisagens Culturais e Naturais" utilizando o livro didático, que apresentava textos e imagens homogêneas, distantes da realidade dos alunos. Apesar do esforço pedagógico, percebi que os alunos tinham dificuldade em associar o conteúdo às suas vivências, o que se refletiu tanto em suas respostas quanto em seu engajamento durante a aula.

Na aula seguinte, optou-se pela utilização do Google Street View como ferramenta pedagógica. Foram apresentadas imagens da escola e do bairro em que os alunos residem, explorando-se, por meio da ferramenta, as transformações ocorridas no espaço ao longo do tempo. A partir dessas imagens, retomaram-se os conceitos de paisagem cultural e natural, relacionando-os a espaços familiares aos estudantes. Essa abordagem possibilitou a visualização das mudanças espaciais e favoreceu a reflexão acerca das motivações e dos impactos dessas transformações.

A utilização da ferramenta teve um impacto significativo no engajamento e na compreensão dos alunos. Eles demonstraram maior interesse e capacidade de associar os conceitos históricos às suas vivências, o que foi evidenciado tanto em suas participações durante a aula quanto em suas respostas às atividades propostas. Essa experiência reforçou a importância de utilizar ferramentas tecnológicas para aproximar o conteúdo histórico da realidade concreta dos alunos. Como destaca Siman, "o pensamento histórico exige a descentração, cujo significado é a capacidade de se colocar no lugar do outro em outros tempos e lugares" (Siman, 2012, cap. 10). Essa descentração foi facilitada pelo uso do Google Street View, que permitiu aos alunos "viajarem" no tempo e no espaço, conectando o passado ao presente.

É fundamental perceber que, ao pensar nos aspectos pedagógicos, devemos lembrar que estes sofrem influências diversas, desde a estrutura física e material da escola até suas influências sociais, políticas e culturais. É importante lembrar que a escola é formada não apenas por professores e alunos, mas também por um corpo técnico-administrativo e de apoio,

que molda a gestão e as relações dentro da instituição. Tudo isso ocorre considerando as especificidades de cada indivíduo, lugar, espaço e tempo.

No ano seguinte, tive a oportunidade de retomar uma prática pedagógica com os alunos do 6º ano, utilizando o Google Street View em uma proposta mais bem estruturada, com o objetivo de explorar os conceitos de tempo e espaço no ensino de História. A sequência de aulas foi planejada para trabalhar as habilidades EF06HI01 e EF06HI02 da BNCC<sup>5</sup>.

Na primeira aula, apresentei aos alunos, de forma simples a noção de História como um campo de conhecimento baseado em três palavras-chave: tempo, pessoas e sociedade. Na aula seguinte, discutimos as diferentes percepções de tempo – o tempo cíclico e o tempo linear – e suas dimensões: passado, presente e futuro. Em um terceiro momento, trabalhei o conceito de fonte histórica, sua importância e o modo como ela nos permite acessar o passado.

Esse percurso teve como objetivo preparar cognitivamente os alunos para, na quarta aula, aplicar os conhecimentos adquiridos em uma experiência concreta por meio do Google Street View. A projeção de imagens da escola, da praça, das ruas e de espaços de convivência conhecidos dos alunos permitiu uma vivência mais próxima e significativa do conteúdo. Os conceitos abstratos trabalhados anteriormente tornaram-se mais palpáveis à medida que os estudantes reconheciam os lugares e observavam suas transformações no tempo. A seguir, apresento algumas das imagens utilizadas durante a aula e as percepções dos alunos sobre elas.

As imagens 1 e 2 permitiram aos alunos perceberem as transformações na fachada da escola, com destaque para a revitalização da estrutura e a diminuição das áreas verdes no entorno. Essa comparação contribuiu para a compreensão de que o tempo atua sobre os espaços, promovendo mudanças visíveis que impactam o cotidiano.

Imagem 1 – FOTO DA FACHADA DA ESCOLA DR. RENAUSTO AMANAJÁS.

---

<sup>5</sup> (EF06HI01) Identificar diferentes formas de compreensão da noção de tempo e de periodização dos processos históricos (continuidades e rupturas). (EF06HI02) Identificar a gênese da produção do saber histórico e analisar o significado das fontes que originaram determinadas formas de registro em sociedades e épocas distintas.



Fonte: Google Street View (2022).

Imagem 2 – FOTO DA FACHADA DA ESCOLA DR. RENAUSTO AMANAJÁS.



Fonte: Google Street View (2012).

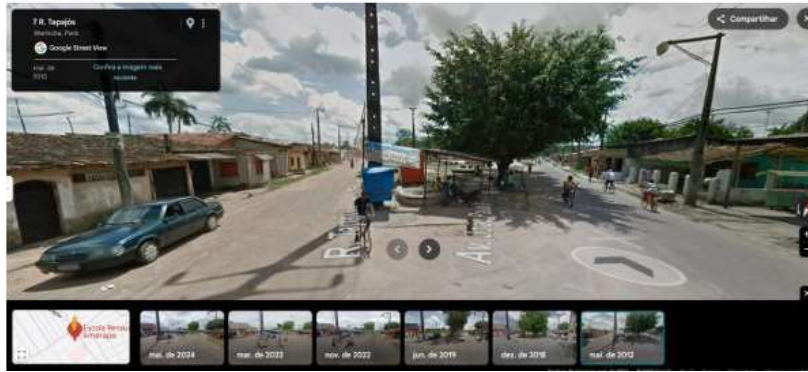
Nas imagens 3 e 4, os alunos observaram que, em 2012, o espaço destinado à praça de alimentação ainda não existia. Com a construção posterior, notaram a urbanização da área, mas também identificaram novamente a redução das áreas verdes, o que gerou discussões sobre os impactos ambientais das intervenções urbanas.

Imagem 3 – PRAÇA DE ALIMENTAÇÃO DO BAIRRO DOM ARÍSTIDES.



Fonte: Google Street View (2024).

Imagem 4 – PRAÇA DE ALIMENTAÇÃO DO BAIRRO DOM ARÍSTIDES.



Fonte: Google Street View (2012).

A análise comparativa das imagens 5 e 6 levou os alunos a identificarem permanências e mudanças. Notaram, por exemplo, a retirada de uma árvore entre 2018 e 2022. Durante a discussão, chamaram atenção para elementos que fazem parte da vivência cotidiana deles, como o campinho de areia em frente à Secretaria de Saúde, considerado um espaço importante de convivência. A partir dessa identificação espontânea, foi possível, com a mediação pedagógica, ampliar a reflexão sobre os prédios públicos presentes nas imagens – como a Câmara Municipal de Marituba e a própria Secretaria –, destacando sua importância institucional. Muitos alunos, embora frequentemente esses espaços, relataram nunca ter percebido conscientemente sua função ou significado.

Imagem 5 – PRACINHA DA COLÔNIA.



Fonte: Google Street View (2012).

Imagem 6 – PRACINHA DA COLÔNIA



Fonte: Google Street View (2022).

Como resultado, os alunos realizaram duas atividades avaliativas: uma escrita em sala de aula, em que precisavam refletir sobre o conceito de tempo e de fontes históricas, e outra para casa, na qual deviam fotografar um objeto antigo e escrever sobre sua história e significado. Ao retornarem com os registros, expliquei que aquilo que haviam produzido se tornava uma fonte histórica, parte do processo de construção do conhecimento sobre o passado.

A atividade evidenciou que os alunos do 6º ano, mesmo diante de conceitos complexos, foram plenamente capazes de compreendê-los, desde que se parta do concreto, do vivido, para o abstrato. Durante a atividade, algo chamou atenção: a transformação das paisagens nos registros capturados ao longo dos anos, sobretudo a diminuição das áreas verdes. Ao navegar pelas imagens entre 2012 e 2023, tornou-se evidente a retirada progressiva de árvores, especialmente após reformas públicas realizadas a partir de 2020.

Essa constatação abriu espaço para uma nova discussão em sala: a relação entre meio ambiente, preservação ambiental, sustentabilidade e a noção de modernidade. Ao questionar os alunos sobre suas percepções das mudanças observadas nas paisagens, percebi que muitos associavam essas transformações à ideia de “progresso”. Ou seja, a substituição de áreas verdes por concreto e estruturas modernas era vista como um avanço. Essa visão naturalizada revela uma concepção arraigada de que ser moderno é ser urbano, e ser urbano é excluir a natureza.

Dessa maneira, foi possível abordar com os alunos a crítica à lógica da modernidade que marginaliza o natural em favor do artificial. Mesmo ao refletirmos sobre os benefícios das árvores, muitos alunos ainda viam a presença vegetal como um obstáculo à “ordem” urbana. Essa percepção nos levou à reflexão sobre como nossa sociedade hierarquiza a relação ser humano-natureza, ensinando desde cedo que a natureza existe para ser controlada, domesticada e explorada.

Com essa sequência, foi possível não apenas trabalhar habilidades previstas no currículo, mas também desenvolver o pensamento crítico dos estudantes sobre sua realidade, o espaço que ocupam e os valores culturais que os moldam. O uso do Google Street View, aliado a uma mediação docente intencional, se mostrou uma estratégia eficaz para promover o ensino de História de forma concreta, significativa e crítica.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente artigo buscou compreender os desafios iniciais enfrentados por alunos do 6º ano no contato com o ensino de História, especialmente no que diz respeito à capacidade de lidar com conceitos abstratos como tempo, espaço. Ao evidenciar a necessidade de um ensino

historicamente significativo, partimos do pressuposto de que as crianças são plenamente capazes de pensar historicamente, desde que lhes sejam oferecidas mediações adequadas, que respeitem seus contextos sociais e suas formas próprias de compreensão do mundo.

Os referenciais teóricos mobilizados ao longo do texto evidenciaram que, crianças já constroem representações sociais complexas, e que essas representações podem e devem ser mobilizadas pedagogicamente. Ao invés de reforçar estereótipos ou se limitar à reprodução de conteúdo, o ensino de História deve ser pensado como um espaço de ressignificação da memória social, de reconstrução da identidade e de formação cidadã. Isso reforça o compromisso com uma pedagogia que vá além do cognitivismo tradicional e que considere as sensibilidades, afetividades e vivências dos estudantes.

Outro ponto essencial debatido neste capítulo foi o papel das TICs, não como meros recursos didáticos, mas como mediações culturais e cognitivas capazes de promover o deslocamento entre o concreto e o abstrato. O Google Street View, nesse sentido, mostrou-se eficaz ao permitir que os alunos visualizassem o espaço urbano conhecido sob diferentes recortes temporais, favorecendo a percepção de que o tempo histórico é construído por ações humanas e é passível de análise e reflexão. Essa abordagem torna o conteúdo histórico mais próximo do cotidiano dos alunos e contribui para o desenvolvimento de competências previstas na BNCC.

Por fim, compreende-se que o ensino de História, especialmente para crianças, precisa superar a perspectiva transmissiva e assumir uma postura investigativa, crítica e dialógica. O professor deve atuar como mediador entre o conhecimento histórico e a realidade vivida pelos alunos, promovendo situações de aprendizagem que despertem a curiosidade, o pensamento crítico e a empatia. Com apoio de tecnologias bem integradas e com embasamento teórico sólido, é possível construir uma prática pedagógica transformadora, capaz de formar sujeitos históricos conscientes, autônomos e preparados para intervir em sua própria realidade.

## REFERÊNCIAS

BARROS, José D'Assunção. História, espaço e tempo: interações necessárias. **Varia História**, Belo Horizonte, v. 22, n. 36, p. 460-476, jul./dez. 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em:  
[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf).  
Acesso em: 31 jul. 2025.

GOOGLE. **Google Street View**. 2025. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em: 7 jul. 2025.

HALLAM, Roy N. An approach to learning history in primary. **Teaching History**, [s. l.], n. 21, 1978.

IVIC, Ivan. Lev Semionovich Vygotsky. In: COELHO, Edgar Pereira (org.). **Recife**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Editora Massangana, 2010. p. 140. (Coleção Educadores).

NUNES, Francivaldo Alves. Saberes históricos em espaço escolar: apontamentos metodológicos. In: NUNES, Francivaldo Alves; MACÊDO, Sidiana da Consolação Ferreira de (org.). **Ensino de História: linguagens, abordagens e perspectivas**. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2018. p. 13-26.

PIAGET, Jean. **A noção de tempo na criança**. 3. ed. Tradução de Roberto Fiúza. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

SCALDAFERRI, D. C. M. Concepções de tempo e ensino de história. **História & Ensino**, [s. l.], v. 14, p. 53–69, 2008. DOI: 10.5433/2238-3018.2008v14n0p53.

SIMAN, Lana Mara de Castro. Representações e memórias sociais compartilhadas: desafios para os processos de ensino e aprendizagem da história. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 25, n. 67, p. 348-364, set./dez. 2005.

SIMAN, Lana Mara de Castro. Aprender a pensar historicamente: entre cognição e sensibilidades. In: ROCHA, Helenice; MAGALHÃES, Marcelo; GONTIJO, Rebeca (org.). **O ensino de história em questão: cultura histórica, usos do passado**. Rio de Janeiro: FGV, 2012. cap. 10.